

## O PACIENTE SEM ESPERANÇA E A RECUSA DA UTOPIA<sup>1</sup>

ADALBERTO A. GOULART<sup>2</sup>

### RESUMO

O autor inicia o trabalho questionando sobre a possibilidade de haver um paciente sem esperança e busca as raízes etimológicas das palavras esperança e utopia, associando ainda ao mito de Pandora. Relata quatro breves vinhetas clínicas e utiliza como referências teóricas principais Aulagnier, Bion, Freud e Ferrari, para argumentar que, originalmente, não somos algo que nos é oferecido, mas algo que pressiona no sentido de emergir do nosso próprio corpo em busca de representação. O corpo é considerado como um dado-presença, que colocará a mente em funcionamento, numa relação de interdependência que sempre tenderá ao conflito, por ser constantemente produzida e pelo fato de que jamais poderemos alcançar nossa essência física. Conclui que o nosso papel, enquanto analistas, será o de oferecer a oportunidade, funcionando como um facilitador do encontro do sujeito consigo mesmo, um catalizador para que suas potencialidades possam ser ativadas e o seu desenvolvimento retomado em busca de um equilíbrio e de uma harmonia, no entanto, sempre instáveis.

Palavras-chave: esperança, corpo e mente, objeto, psicanálise.

### ABSTRACT

The author starts his work questioning about the possibility of a hopeless patient and search the etymological origins of the words hope and utopia, associating also the myth of Pandora. He reports four brief clinical vignettes and uses as its main theoretical references Aulagnier, Bion, Freud and Ferrari, to argue that, originally, we are not something that is offered to us, but something pressing in order to emerge from our own body for representation. The body is considered as a data-presence, which put the mind at work, in an interdependence relationship that always tends to conflict, constantly being produced and the fact that we can never reach our physical essence. He concludes by saying that our role as analysts, will be to offer the opportunity, working as a facilitator of the encounter of the individual with himself, a catalyst so that his potential can be activated and his resumption of development in search of balance and a harmony, however, always unstable.

Keywords: hope, body and mind, mind object, psychoanalysis.

---

1 Trabalho apresentado na XX Jornada de Psicanálise da SPR, Recife, setembro 2015.

2 Membro efetivo e didata da Sociedade PR e do NPA.

“Que é pois um rosto? De um lado, existe a interioridade inacessível do sujeito, seu corpo. O corpo físico, do ponto de vista da Psicanálise, é antes de mais nada o corpo da alma, isto é, o fluxo de determinações que nutre constantemente nossa forma de ser espiritual e que é, em sentido próprio, o inconsciente. De outro lado, fica a superfície das representações, que é tudo o que o sujeito pode saber de si e do mundo. As representações vestem o corpo do desejo, a interioridade, e até certo ponto indicam sua forma, tal como uma roupa que, ao cobri-lo, exhibe a forma do corpo material”.

Herrmann, F. (1992)

Haveria um paciente sem esperança? Porque alguém sem esperança haveria de procurar-nos? E para que?

Do dicionário Houaiss (2013), temos que a raiz indo-europeia da palavra esperança é *spe*, que significa expandir, aumentar, ter êxito, levar qualquer projeto adiante, seja ele de ordem física ou psíquica. *Spe* deu origem ao latim *spes* que é a nossa base para a palavra esperança.

Esta expectativa em direção ao futuro nas palavras derivadas da raiz *spe*, originalmente, estava ligada a bons resultados: êxito, bonança e felicidade futuras. Na mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher, criada por Zeus como punição aos homens pela ousadia do titã Prometeu em roubar aos céus o segredo do fogo. De sua caixa, deixou escapar para o mundo todos os males, mas, para nossa sorte, conseguiu segurar a esperança consoladora e benéfica. Mas porque a esperança estaria entre todos os males?

A expressão “Caixa de Pandora”, de uso comum, faz referência a alguma coisa que estimula a curiosidade, mas que ao mesmo tempo é temida, sendo preferível que não se revele, ou algo terrível poderia surgir e sair do controle.

Dizem os estudiosos da mitologia que a presença da esperança juntamente com os males, o que pareceria uma contradição, uma oposição, necessita uma melhor investigação a partir de sua origem grega. A palavra em grego é *ἐλπίς/elpis*, que significa a espera de alguma coisa. A tradução mais fiel seria, portanto, “antecipação”, ou ainda uma espécie de temor irracional.

A história do mito ganha nova interpretação. Tendo Pandora fechado a caixa ou a urna, antes que *elpis/spe/esperança* fugisse, a humanidade sofreria seus males, mas não teria o conhecimento antecipado deles, o que certamente causaria um desastre ainda maior.

Não viveríamos o pavor da expectativa dos males que estão por vir, o que, nesta interpretação, tornaria nossas vidas possíveis. Desta maneira, Prometeu teria o mérito de livrar a humanidade da apreensão obcecada pelo momento da própria morte e os sentimentos depressivos que poderiam advir em consequência.

Temos, ainda, que a cultura politeísta compreende Pandora como aquela que trouxe a possibilidade de evolução da humanidade por meio das adversidades que temos que enfrentar, por meio da esperança. Então, na cultura pagã, Pandora não seria a fonte dos males, mas sim da força, da dignidade, da confiança e da beleza, visto que sem a adversidade não haveria crescimento.

Já em relação à Utopia, também recorrendo ao Houaiss, vemos que seria um lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos, um projeto de natureza irrealizável; uma ideia generosa, porém impraticável; tendo como sinônimos a quimera, a fantasia.

Quimera, por sua vez, seria um produto da imaginação, sem consistência ou fundamento real; ficção, ilusão, fantasia, sonho, esperança ou projeto geralmente irrealizável; algo a que falta unidade, coesão ou coerência; despropósito, disparate, absurdo ou ainda, a busca de um ideal, motivação que impulsiona o ser humano em sua trajetória existencial. Tem como sinônimos: desatino, desvario, mentira.

Assim, conjugamos a perda da esperança à recusa da utopia. Se a esperança é

perdida (ou, se é verdade que poderia ser perdida), se não se estabelece, não sendo concebida na construção essencial do nosso psiquismo, a sensação parece ser de desilusão, engodo, mentira. Uma desidealização precoce demais para nossos egos insipientes.

O que nos restaria então?

#### PRIMEIRA VINHETA CLÍNICA

Um paciente me procura, me telefona algumas vezes seguidas, insiste em ser recebido. Retorno, mas temos dificuldades em conciliar nossos horários. Ele insiste e encontramos uma possibilidade. No horário combinado, comparece um senhor bastante elegante, por volta de cinquenta anos de idade. Descreve-se como sendo um sujeito extremamente narcisista, egoísta (nas suas próprias palavras). Pergunto-lhe o que quer dizer com isso. Conta-me então que tudo o que lhe interessa é tirar proveito das situações, que não tem nenhuma consideração pelas outras pessoas, não sente remorso ou arrependimentos. Exemplifica, dizendo-me que teve um casamento de quinze anos, tem uma filha adolescente fruto da relação. Num determinado dia, resolveu sair de casa e já no dia seguinte não sentia falta nenhuma de sua família. Nunca amou ninguém, não compreende o que seja isso. Num relacionamento sexual, não se preocupa com a parceira, apenas com seu próprio prazer. Sua esposa atual queixa-se de que ele não é carinhoso, o que ele concorda. Questiono sobre a sua opinião. Ele me diz não saber como se faz isso. Relata ainda ser um profissional bem sucedido e não ter nenhum tipo de problema em sua vida. Infância tranquila, relacionamentos familiares tranquilos, sem muito contato físico, é verdade, mas sem nenhum tipo de problema. Procura-me, enfim, para autoconhecimento, algo que considera importante.

Depois de muito ouvi-lo, fico a pensar o quanto deveria ser difícil para este senhor estar ali, a procura de ajuda e o quanto o fato de estar ali, parecia contradizer tudo aquilo que me dizia sobre não precisar de nada ou de ninguém. Questiono, se tudo parecia tão bem, particularmente para ele, o que então o levava a me procurar? Silencia por alguns minutos e repete: o autoconhecimento.

Ao final, quando faria o pagamento da entrevista, me diz que não teria dinheiro

suficiente. Digo-lhe que poderia fazer o pagamento na próxima entrevista, agendada para a terça-feira seguinte, estávamos em uma sexta-feira. Ele se despede. Minutos depois, bate à minha porta e solicita os meus dados bancários para depósito. Repito que poderia fazer o pagamento na próxima entrevista. Ele insiste em obter meus dados bancários, alegando que viria o final de semana. Mas repito que preferia que fizesse o pagamento pessoalmente na terça-feira. Despediu-se polidamente.

Na segunda-feira deixa um envelope por debaixo da porta do meu consultório com o pagamento da entrevista.

Na terça-feira, antes do horário combinado, me envia uma mensagem de texto dizendo que não poderia comparecer, mas que entraria em contato posteriormente.

### SEGUNDA VINHETA CLÍNICA

Uma analisanda, comigo há poucos anos, me diz em uma sessão recente:

Estou começando a ficar novamente com medo de adoecer. Medo de ter câncer, câncer de mama desta vez, ou de intestino. Sinto um desconforto na mama. Estou com medo de fazer exames, exame de sangue, qualquer exame... Li um trabalho muito bom em que o autor relaciona câncer de mama aos afetos, à dificuldade com os afetos, às questões sexuais. Relaciona a repressão sexual à religião, diz que na antiguidade a sexualidade era sagrada... Eu e meu marido estamos muito distantes...

Em outras situações vividas como ansiogênicas, com um aumento de estímulos, sente como se sua mente a abandonasse, passa a ter sensações físicas de desconforto e medos associados a câncer, cardiopatias... Tem queda de cabelos e manchas de vitiligo.

### TERCEIRA VINHETA CLÍNICA

Um outro paciente de cerca de quarenta anos procurou-me, porque sofria com terríveis dores por fibromialgias. Referia, ainda, uma sensação mais ou menos constante de que algo de muito ruim estaria para acontecer-lhe. Um homem muito alto, grande, porém dá-me a impressão de flacidez e insegurança.

Chama minha atenção a falta de correspondência afetiva nas expressões de seu rosto (não há expressão alguma, como se os músculos de sua face estivessem inertes), nenhuma expressão de dor, sofrimento ou desconforto. Tenho a fantasia de uma espécie de deserto emocional posto à minha frente. Nenhuma emoção presente, não há sinal de afeto, apresenta-se com um modelo de pensamento ruminativo/obsessivo. Não sente amor, ódio, alegria, tristeza, compaixão, nenhuma emoção além do medo do que poderá lhe acontecer. Se questiono sobre algum matiz afetivo, depara-se com um vazio e invariavelmente responde com uma racionalização.

No colégio tinha o apelido de retardado mental e sofria com humilhações provocadas por outros colegas. Nunca teve amigos. Tem imensa dificuldade em assumir responsabilidades sobre qualquer coisa, sempre tentando fazer com que alguém as assuma em seu lugar. Se disser alguma coisa e eu me referir ao que disse, tem grande dificuldade em assumir o que foi dito por ele mesmo, atribuindo a fala sempre a mim: “O senhor disse que...”

Preocupa-se obsessivamente com um agravamento de sua doença, impossibilitando-o de trabalhar, o que seria a sua miséria e a sua ruína.

#### QUARTA VINHETA CLÍNICA

Um paciente de 80 anos olha-me dizendo não ter mais esperanças.

Seu maior sofrimento está relacionado a pensamentos obsessivos de que não vai mais conseguir comer ou beber, de que não vai conseguir defecar ou urinar. Falta-lhe paciência para qualquer atividade, tem medo de sair às ruas. Tenta manter uma rotina obsessiva, rigidamente estabelecida, em que nada pode mudar. Sente-se “velho, decrépito, decadente, só sofrimento, para que viver mais? Quanto mais vivo, mais morro...”. Parece procurar distanciar-se das limitações impostas pela idade avançada e da expectativa de que seu corpo estaria próximo de morrer. Como se buscasse em vida morrer para evitar a experiência de viver num corpo que está próximo de morrer, causando espanto, indignação, contrariando sua fantasia de eterna juventude e consequente imortalidade.

Quando um bebê vem ao mundo, já traz consigo algo que jamais encontrará em nenhum outro. Bion (1978) dizia que ele chega com todo o conhecimento do universo, o que faz sentido se pensarmos que a história da evolução da vida chegará impressa em cada novo ser. E que continuará a ser produzida, na intimidade obscura e solitária de sua essência durante a sua existência. Um montante de conhecimentos aos quais só e apenas ele terá acesso, que o farão único e específico e que o ajudarão a corresponder às exigências que a vida faz para que possa prosseguir.

Mas para alcançar tal objetivo, logo de início, apresenta-se uma tarefa extremamente árdua: ele terá que renunciar à ilusão de fusão para tornar-se um ser singular, protagonista de sua própria, única e original história de vida.

Piera Aulagnier (1999), assim como Jean Laplanche (1987), nos dizem que a primeira atividade de representação da criança se dá pelos efeitos originados pelo duplo encontro com o corpo e as produções da psique materna. A criança forma uma representação de si a partir desse encontro.

Aulagnier formula três registros para pensar a constituição do psiquismo e especialmente a atividade de representação: o originário, o primário e o secundário, os dois últimos magistralmente descritos por Freud (1911).

No originário, haveria um pictograma, anterior à fantasia e muito mais distante da imagem de palavra ou de representação-palavra. O material exclusivo para a formação de tal pictograma seria a imagem da coisa corporal. Ele é a representação que a psique se dá a si mesma como atividade representante das partes corporais.

A mesma autora afirma que a representação pictográfica seria uma condição para tudo que está por vir em termos de funcionamento anímico. Tudo seria previamente metabolizado em pictogramas. Portanto, o originário só poderá ter acesso aos fenômenos externos, se estes forem transformados e responderem às condições de representabilidade.

Aquilo que se origina no outro, adquire sentido para a psique no momento em que

adquire representabilidade, operação que é realizada pelo próprio sujeito, quando o externo se torna interno.

Em outras palavras, a primeira versão da história do sujeito começa a ser escrita no momento em que nasce um corpo biológico, concreto, vivo, que deverá ser recebido por sua própria psique. Os registros do funcionamento somático começam a ocorrer, levando ao surgimento de um duplo psíquico para o corpo somático latente. Aqui falamos das profundezas da alma humana, da essência desconhecida do nosso ser, onde não existe representação-palavra.

Aulagnier reforça a compreensão quando nos diz que a relação entre a psique e a realidade é semelhante à relação entre a psique e o corpo e, sendo assim, coloca que a realidade seria criada pela atividade sensorial, a partir da notação e do registro psíquico.

Muitos autores nos dizem que tudo já estava descrito na obra de Freud. Eu diria que, senão tudo, quase tudo. O fato é que o criador da psicanálise, embora tenha tido uma vida extremamente produtiva durante cerca de quarenta anos, não dispôs de tempo suficiente para desenvolver tudo, obviamente. Ele já mencionava, por exemplo, que a realidade seria única para cada sujeito, por ser cada sujeito único, dada a especificidade inscrita em sua vida somática que irá fundar o psiquismo (1895).

Não é de hoje que a experiência clínica nos mostra que jamais poderemos perceber o mundo, do interior, como percebe o próprio paciente. O som provocado por um trovão é captado pelo nosso aparelho auditivo e decodificado pelas estruturas do nosso sistema nervoso. Poderá ser percebido como algo gerado pela onda de choque provocada pelo aquecimento e subsequente expansão supersônica do ar atravessado por uma descarga elétrica ou como o prenúncio de algo que está prestes a acontecer ou como sendo sinal da ira dos deuses, etc.

E esta parece ser uma tendência atual e geral comum a todas as ciências. Heisenberg, prêmio Nobel de física citado por Dennet (1985), nos diz que para a física moderna não faz mais sentido pensar em uma escala objetiva de tempo,



comum a todos os observadores, como também não faz sentido se pensar em espaço e tempo sem considerar a presença do observador. As leis da natureza referem-se ao conhecimento que podemos ter sobre a natureza e não à natureza propriamente dita, ou seja, que o evento físico e o conteúdo da mente humana são inseparáveis.

Então, da física quântica aprendemos que sua formulação tem como condição indispensável que a mente humana seja considerada como um dos componentes do sistema. Ou seja, a percepção envolve necessariamente a autopercepção.

O modelo do pictograma de Aulagnier nada mais é do que uma representação de um mundo-corpo, anterior ao processo primário e não correspondente a qualquer conteúdo reprimido. Anterior à percepção de um outro, a psique relaciona-se prioritária e originalmente com as sensações que o corpo produz, detectando e registrando variações de prazer ou desprazer e, assim, auto-representando-se.

Tais estudos permitem inferir que se algo interfere com este registro primordial, a sensorialidade não terá representação no psiquismo, manifestando-se apenas fisiologicamente.

Sendo a representação o germe que poderá dar origem à fantasia e ao pensamento, um transtorno deste tipo, não superável neste momento do desenvolvimento, deixará o sujeito próximo ao processo originário, sendo a vida representável apenas através de sensações somáticas, algo descrito por alguns pacientes como angústia do vazio, percepção de um abismo ou de um deserto interior. Não existem conflitos, as coisas parecem não ter sentido, não ter significado. Há baixa autoestima, desilusão, desencanto, apatia, descargas somáticas, *actings*. Os sentimentos depressivos acompanham uma sensação de irrealidade, de desmoronamento, de humilhação, de dependência profunda, de impotência.

Temos aqui algo próximo ao que Bion (1952) denominou como falhas da função alfa ou da *rêverie* materna. A relação da psique com o corpo, sem a mediação de um outro cuidador, terá em si o único conflito. Se a inadequação da *rêverie* permanece, o corpo poderá ocupar o lugar do outro, sendo o único interlocutor

para as construções do processo primário e secundário. Permanecendo esta situação, um recurso para a sobrevivência poderá ser a aproximação da psicose, em que o corpo e o outro perdem seus limites, levando à indiferenciação.

Como sabemos, o ataque e a destruição da capacidade de perceber, de sentir, de pensar, apresentam-se como um recurso eficaz para anestesiar a angústia de separação. E assim, o continente empático necessitado e esperado, pré-concebido, como dizem alguns, não é encontrado, ficando a garantia de sobrevivência psíquica por conta do próprio Eu.

Se as coisas correrem razoavelmente bem, num processo mediado pelo amor da mãe, o corpo terá como referência um corpo psíquico, investido libidinalmente, reconhecido como um outro único e específico, com identidade singular, capaz de se preservar e se desenvolver, se adaptar e conquistar autonomia, liberdade e responsabilidade por si mesmo, pelo que sente, pensa e faz.

Pontalis (1990) parece referir-se à mesma questão quando diz que nem tudo seria reminiscência, que existe uma espécie de memória atuada ou uma não-memória, que por ser irrepresentável se inscreve sensorialmente no corpo.

Também Green (1988) considera que os pictogramas (que poderão dar origem ao pensamento) poderão ser destruídos, causando um ferimento na mente que produzirá uma espécie hemorragia da representação, levando a um estado de vazio, que atrairá e destruirá a capacidade para pensar, danificando o aparelho.

O ódio intenso à percepção do limite e da realidade que se impõe e que interfere no encontro consigo mesmo poderá causar algo como uma desertificação ou esvaziamento da configuração egóica. São situações em que o desapontamento, o ódio e a intolerância ao limite causam tamanha angústia que todo o traço da experiência precisará ser removido a fim de proteger o sistema, quando sentimentos melancólicos de desânimo e perda de sentido surgem como uma sombra ameaçando preencher a totalidade da esfera psíquica. Ou como nos dizem Paolo Carignani e Fausta Romano (2006): “A percepção da própria finitude, da vulnerabilidade, da dor e do limite é com frequência rejeitada pela mente,

quando esta tende a auto-representar-se como invulnerável e imortal, o que acentua perigosamente o conflito da relação com a própria corporeidade”<sup>3</sup>. Nos casos mais desarmônicos todo o sistema correria o risco de remanescer a uma condição marasmática, semelhante à que diz Aulagnier em relação às sensações não representáveis.

Lançando luz sobre uma nova hipótese, Ferrari (1995) nos diz ser a mente uma configuração percebida pela mente, um sistema de representações que se percebe a partir de seu próprio repertório de conceitos, sendo, portanto, como já afirmado, específico e único para cada indivíduo.

Deste ponto de vista, originalmente, não somos algo que nos é oferecido, mas algo que pressiona no sentido de emergir do nosso próprio corpo em busca de representação. Ao mesmo tempo, estamos diante de algo que nunca poderá tornar-se totalmente representação, pelo fato de estarmos dentro desse algo concreto e vivo, de onde emanam incessantemente as sensações marasmáticas da área entrópica em busca de simbolicidade.

De acordo com este autor, o corpo é a primeira realidade da mente, é seu primeiro e único objeto, sendo ao mesmo tempo o que lhe dá origem. Um ente que se autopercebe em termos de corporeidade e, ao mesmo tempo, de simbolicidade. Dessa perspectiva, é a criança que se oferece, através da fisicidade a si mesma.

“Sob o brotar das percepções sensoriais marasmáticas e violentas, perigosas para um funcionamento físico harmonioso (p. ex., a coordenação entre o sistema nervoso-endócrino vascular) e na presença da mente materna na sua importantíssima função de rêverie, o aparato mental inicia a sua função que é, ao mesmo tempo, de registro e contenção”. A partir de então e com o desenvolvimento, “a sombra do mental começa a projetar-se sobre o corpo (O.O.C.)”.

Inicia-se, não o desaparecimento, mas o eclipse do corpo, nos diz. Eclipse, porque

---

<sup>3</sup> Tradução livre do autor.

poderá ressurgir a qualquer momento, exigindo que a mente se ocupe dele prioritariamente, como nas dores, nos desconfortos, nas doenças somáticas, nos estados de luto e melancolia, na adolescência, na gestação, na velhice.

É deste objeto que nasceriam as primeiras representações, um aparelho mental que percebe e anota as sensações provenientes de um corpo físico próprio – Objeto Originário Concreto (O.O.C.), independente de qualquer introjeção. Seria, antes, uma sedimentação da experiência através dos sinais que o corpo envia à mente.

Assim, entendemos que as emoções estariam numa zona intermediária entre as sensações e a capacidade de pensar que poderá advir. Um estado que contém ao mesmo tempo qualidades físicas e potenciais qualidades psíquicas. A mãe ou cuidador surgira como uma espécie de catalizador dos potenciais já existentes em cada criança.

O O.O.C. seria, portanto o núcleo originário e essencial que faz de cada indivíduo um ser singular, independente de qualquer contribuição externa a ser introjetada, sendo a presença da mãe, em sua função de *rêverie*, um facilitador desse processo. A mãe ou cuidador estabelecerá com a criança um eixo horizontal, reduzindo a angústia inicial pela ausência de sentido e dando condições para que a criança possa ouvir a si mesma, no que denominamos sua verticalidade.

De acordo com as hipóteses de Ferrari, o objeto original não seria resultado de projeções ou introjeções, mas estaria ali desde o nascimento (ou quem sabe um pouco antes disso, como também já intuía Freud) e enquanto persistir a vida, tendo a fisicidade como sua qualidade mais essencial, única e específica, o que fará com que cada aparelho mental seja também único e específico, produzindo realidades únicas e específicas.

O corpo é então considerado como um dado-presença, que colocará a mente em funcionamento, numa relação de interdependência que sempre tenderá ao conflito, por ser constantemente produzida e pelo fato de que jamais poderemos alcançar nossa essência física.

Um segundo e importante problema se dá porque, como se sabe, para que a

formação simbólica aconteça, será necessário que o objeto se ausente. A presença do corpo, com seus incessantes estímulos de vida, interfere e perturba a criação simbólica. Temos então uma mente que tenta lançar sombra sobre o corpo, dando continência e simbolicidade e, de outro lado, a presença constante do corpo a perturbar este processo com seus estímulos constantes.

Quando alguma harmonia é encontrada, a sensação alimenta a emoção, que por sua vez, alimenta o pensamento. Para que se desenvolva a capacidade de pensar, será necessário, portanto, que uma espécie de eclipse do corpo se realize, no sentido de que as sensações perturbadoras que dele emanam possam ser simbolizadas e silenciadas, quando a atividade mental lançará uma sombra sobre o corpo.

Em outros casos, as sensações podem substituir as emoções e a atuação concreta substitui a capacidade simbólica. São situações em que a mente abandonará os dados sensoriais na tentativa de romper com os limites que estes impõem, o que poderá colocar em risco a vida do indivíduo.

A relação do sujeito com ele mesmo (vertical) estará seriamente comprometida. As sensações marasmáticas, físicas, que poderiam dar origem à capacidade de pensar, ocuparão o lugar do pensamento. A fantasia assumirá um caráter concreto, levando a estados emocionais confusos ou a reações de pânico, por exemplo. Ou ainda, poderemos encontrar uma hipertrofia ruminativa, obsessiva, controladora e empobrecida afetivamente, abrindo espaço para *actings* auto e/ou heteroagressivos.

Assim, poderá se estabelecer um círculo vicioso maligno, quando a necessidade de proteger o modelo único de sobrevivência afastará cada vez mais o sujeito da realidade, que será substituída pela onisciência, pela onipotência e pelo ódio à possibilidade de se perceber, sentir e pensar sobre o que se sente. A rigidez, na tentativa de fazer com que tudo permaneça estático surgirá como alternativa contraditória, mas ainda assim uma alternativa, para conter a própria loucura.

O conflito se daria porque, de um lado, se a capacidade para pensar não se desenvolve, o sujeito se vê invadido por sensações e pelo medo de morrer; por

outro lado, se a mente se distancia do corpo e o nega, hipertrofiando suas funções, numa fantasia onipotente para evitar o temor de morrer, surgirá o medo da loucura. A capacidade de aprender com a experiência, como já ensinava Bion, estará seriamente prejudicada, a onisciência surgirá em lugar do conhecimento e o preconceito em lugar do juízo crítico.

Serão caminhos de fuga de um terror sem nome, conseqüente às falhas de continência e elaboração da *rêverie* materna, com angústias de desintegração associadas ao eixo vertical e angústias pelo não encontro do objeto pré-concebido, indispensável à sobrevivência, no eixo horizontal.

Estando a relação do sujeito consigo mesmo (vertical) na base da sensação de identidade, a partir de sua essência mais profunda, a percepção e a relação consigo mesmo seria o alicerce que colocará em funcionamento o aparelho para pensar.

Em situações em que há uma negação da emoção, esta poderá refluir para sensações sem significado, paradoxalmente aumentando a angústia e o terror. As sensações corporais e as funções mentais perdem seus limites e o Eu mergulha na fisicidade mais profunda. Conseqüentemente, os limites entre interno e externo, entre o Eu e o outro, entre as noções de tempo passado, presente e futuro ou mesmo entre estar vivo e estar morto, estarão perdidos também.

O ódio à realidade interna e externa levará à perda da percepção de si mesmo. A psique assume a concretude do corpo e o que seriam interpretações da realidade, transformam-se em fatos concretos, com perda também das noções de responsabilidade.

Ferrari compara a função da análise com estes pacientes a uma espécie de *bypass*, buscando restabelecer o eixo vertical, a relação do sujeito consigo mesmo, facilitando a percepção sensorial somática que encontra sentido através de suas emoções, abrindo a possibilidade de pensar e se responsabilizar sobre si mesmo.

Será tarefa do analista tentar ativar, no menor tempo possível, o máximo de recursos presentes no sistema do analisando, oferecendo continência e estímulo

no encaminhamento do processo de pensar, ao contrário de pensar em seu lugar, despertando a curiosidade sobre si mesmo e auxiliando no desenvolvimento da responsabilidade sobre suas percepções, emoções, sentimentos e pensamentos.

É através do corpo que entramos em contato com o mundo e, sendo este a origem da mente, reforçamos a ideia de que a realidade externa também será única e específica para cada sujeito, ela não é uma realidade absoluta para todos. Na verdade o que apreendemos são as respostas que o nosso próprio corpo oferece em relação aos estímulos do mundo externo.

Se considerarmos como sendo sinais de desarmonia, de alarme para o sistema, que deverá buscar novas formas de equilíbrio, os estados patológicos, sejam predominantemente corporais ou mentais, poderão ser vistos como algo construtivo. Caberá ao sujeito responsabilizar-se por si mesmo, no sentido de fazer o melhor uso possível de sua condição de desconforto, no sentido de empreender uma revisão ampla e profunda em todo o sistema, questionando os modelos utilizados até então e procurando identificar ou construir novos modelos mais funcionais ao viver, observando como corpo e mente podem se articular e produzir estados mais ou menos harmônicos (Bucci, 2015).

O nosso papel, enquanto analistas, será o de oferecer a oportunidade, funcionando como um facilitador desse encontro do sujeito consigo mesmo, um catalizador para que suas potencialidades possam ser ativadas e o seu desenvolvimento retomado em busca de um equilíbrio e de uma harmonia, no entanto, sempre instáveis.

Agora, concluindo, após esta breve caminhada e buscando responder a pergunta que me fiz ao iniciar este ensaio, recorro ao músico e letrista Sérgio Britto, quando nos diz que “Quando não houver saída, quando não houver mais solução, ainda há de haver saída, nenhuma ideia vale uma vida. Quando não houver esperança, quando não restar nem ilusão, ainda há de haver esperança, em cada um de nós, há algo de uma criança. Quando não houver caminho, mesmo sem amor, sem direção, a sós ninguém está sozinho, é caminhando que se faz o caminho...” (Enquanto houver sol, Sérgio de Britto Álvares Affonso 2003).

## REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (1985). Nascimento de um corpo, origem de uma história. In *Rev. Latinoam. Psicop. Fund.*, II, 3 (1999).
- Bion, W. (1952). Uma teoria sobre o pensar. In *Estudos psicanalíticos revisados – Second thoughts*. Rio de Janeiro: Imago (1994).
- \_\_\_\_\_. (1978). *Conversando com Bion*. Rio de Janeiro: Imago (1992).
- Bucci, P. (2015). A doença: uma ocasião para pensar a vida. In: *Corporeidade – O objeto originário concreto: uma hipótese psicanalítica em expansão*. Capítulo inédito, acrescentado à edição brasileira.
- Brandão, J. (2009). *Mitologia grega*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Carneiro, M. (2007). Caminhos e descaminhos da solidão. In *Cadernos de Psicanálise*, SPCRJ, V. 23, n. 26.
- Dennet, D. (1985). Problemi filosofici della fisica quantistica, in *L'io della mente*, p. 47, Milano: ed. Adelphi apud Ferrari, A. *O eclipse do corpo*, p. 24, Imago (1995).
- Ferrari, A. (1995). *O eclipse do corpo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferrari, A. (1995). O eclipse do objeto originário concreto. In *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 29, n. 2.
- \_\_\_\_\_. (2000). *A aurora do pensamento*. São Paulo: Ed. 34.
- \_\_\_\_\_. (2004). *From the eclipse of the body to dawn of thought*. London: Free Association Books.
- Freud, S. (1895). *Projeto para uma psicologia científica*. In *Obras Completas*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago (1987).
- \_\_\_\_\_. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago (1969).
- Goulart, A. (2007). Com l'animadisabitata: reconsiderazioni intorno a lutto e malinconia. In *La metafora nella relazione analitica*. Milano: Mimesis Edizioni.
- \_\_\_\_\_. (2009). Introdução. In *Corporeità – L'oggetto originário concreto: um'ipotesi psicoanalitica in espansione*. Venezia: Libreria Editrice Cafoscarina.
- \_\_\_\_\_. (2013). Considerações a partir da análise de um pianista de oitenta anos. In *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 47, n. 2.
- Green, A. (1988) *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. São Paulo: Escuta.
- Houaiss, A. (2013). *Grande Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*. Edição eletrônica acessada em [www.houaiss.uol.com.br](http://www.houaiss.uol.com.br).
- Herrmann, F. (1992). *O divã a passeio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.



- Laplanche, J. (1987). *A tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes (1993).
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (1990). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes
- Romano, F. (2009). L'ipotesi dell'oggetto originario concreto: uno strumento di ricerca clinica. In *Corporeità - L'oggetto originario concreto: un'ipotesi psicoanalitica in espansione*. Venezia: Libreria Editrice Cafoscarina.
- Sigal, A. M. (2002). *O originário: um conceito que ganha visibilidade*. In: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs30/30Sigal.htm>